



# CULTURA E FILOSOFIA AFRICANA AFRICAN CULTURE AND PHILOSOPHY

**Autor: Eunice Luísa Estevão Sululo Chame**  
**Docente e doutoranda em Inovação Educativa**

**Universidade Católica de Moçambique – Faculdade de Educação e Comunicação, Nampula, Moçambique**

**Resumo :** A cultura e a filosofia africana constituem pilares fundamentais para a compreensão das sociedades do continente e da sua diáspora. Ambas refletem uma visão de mundo centrada na coletividade, na ancestralidade e na interdependência entre o homem e a natureza. Este artigo tem como objetivo analisar as principais características da cultura e da filosofia africana, destacando os seus valores, formas de expressão e relevância no contexto contemporâneo. A partir de uma abordagem teórico-reflexiva, discute-se como o pensamento filosófico africano emerge da experiência comunitária e espiritual, relacionando-se com práticas culturais, religiosas e sociais que moldam a identidade africana. Conclui-se que cultura e filosofia, em África, são dimensões indissociáveis, pois ambas expressam a busca por sentido, harmonia e dignidade humana.

**Palavras-chave:** Ancestralidade, Comunidade, Cultura africana, Filosofia africana, Identidade.

**Abstract:** African culture and philosophy are fundamental pillars for understanding the societies of the continent and its diaspora. Both reflect a worldview centred on collectivity, ancestry, and the interdependence between man and nature. This article aims to analyse the main characteristics of African culture and philosophy, highlighting their values, forms of expression, and relevance in the contemporary context. Using a theoretical-reflective approach, it discusses how African philosophical thought emerges from community and spiritual experience, relating to cultural, religious, and social practices that shape African identity. It concludes that culture and philosophy in Africa are inseparable dimensions, as both express the search for meaning, harmony, and human dignity.

**Keywords:** African culture, Ancestry, African philosophy, Community, Identity.

## INTRODUÇÃO

A cultura e a filosofia africana constituem o **objecto de estudo** deste artigo, cuja análise procura compreender como os valores, práticas culturais e sistemas de pensamento se articulam na construção da identidade africana. Estas duas dimensões, embora distintas, revelam uma profunda interdependência, uma vez que a cultura fornece o contexto simbólico e moral a partir do qual emergem as reflexões filosóficas, enquanto a filosofia interpreta, organiza e dá sentido às práticas culturais vivenciadas pelas comunidades.

A **contextualização** histórica mostra que, durante muito tempo, as epistemologias africanas foram marginalizadas pelo pensamento ocidental, que frequentemente considerou as sociedades africanas como carentes de racionalidade filosófica. No entanto, autores como Mbiti, Gyekye, Hountondji e Ramose demonstram que o continente possui sistemas próprios de conhecimento, profundamente ligados à vida comunitária, à ancestralidade e à visão holística da existência. Neste cenário, torna-se essencial revisitar as raízes culturais africanas e compreender como os seus princípios filosóficos moldam as relações sociais, espirituais e éticas no quotidiano.

A **relevância** deste tema reside na necessidade de recuperar e valorizar as concepções africanas de mundo, de modo a promover uma compreensão mais plural e inclusiva do saber humano. Segundo Gyekye (1997), a filosofia africana constitui uma via de afirmação cultural e intelectual, contrapondo-se à visão eurocêntrica que durante muito tempo negou à África o estatuto de produtora de pensamento racional. Assim, compreender a cultura e a filosofia africana é compreender também as bases da identidade e da resistência dos povos africanos diante dos desafios históricos e contemporâneos.

Este artigo baseia-se em uma **pesquisa de natureza qualitativa e bibliográfica**, com abordagem **teórico-reflexiva**. O estudo foi desenvolvido a partir da leitura e análise crítica de obras de referência sobre cultura e filosofia africana, tanto clássicas quanto contemporâneas, de autores como Tempels (1959), Mbiti (1990), Hountondji (1996), Gyekye (1997), Ramose (1999) e Wiredu (1980).

O artigo está estruturado da seguinte forma: na segunda secção apresenta-se a cultura africana e os seus principais valores; na terceira secção analisa-se a filosofia africana e suas correntes fundamentais; na quarta secção discute-se a interconexão entre cultura e filosofia; na quinta secção abordam-se os desafios e reinterpretções contemporâneas destas tradições; e, por fim, na sexta secção apresentam-se as conclusões do estudo.

## A CULTURA AFRICANA: RAÍZES, VALORES E DINÂMICAS SOCIAIS

A cultura africana é caracterizada pela diversidade e pela valorização da vida comunitária. Em muitas sociedades africanas, o indivíduo é visto como parte integrante do grupo, e o bem-estar coletivo prevalece sobre o interesse individual (Bourdieu, 1999). Essa visão manifesta-se em provérbios, danças, rituais, músicas e narrativas orais que perpetuam os valores de solidariedade, respeito aos mais velhos e harmonia com a natureza (Mbiti, 1990).

A oralidade é uma das principais marcas da cultura africana. Segundo Mbiti (1990), antes da colonização, o conhecimento era transmitido oralmente, especialmente pelos **griots**, contadores de histórias que preservavam a memória coletiva. Essa tradição assegurou a continuidade das sabedorias ancestrais e reforçou o sentimento de pertença comunitária.

A música e a dança, por sua vez, desempenham papel central na vida social e espiritual africana. Conforme Gyekye (1997), essas expressões artísticas não são apenas entretenimento, mas formas de comunicação espiritual e de reforço da coesão social. Além disso, a religião tradicional africana articula a ligação entre o mundo visível e o invisível, valorizando os antepassados como mediadores entre o homem e o divino (Mbiti, 1990). Assim, a ancestralidade constitui um dos pilares da identidade cultural africana.

## A FILOSOFIA AFRICANA: PENSAMENTO, IDENTIDADE E SABEDORIA ANCESTRAL

A filosofia africana, por muito tempo marginalizada pela tradição ocidental, possui uma longa e rica história. Tempels (1959) foi um dos primeiros a reconhecer que os povos africanos possuem uma estrutura filosófica própria, centrada na noção de “força vital” como essência de todo ser. Essa filosofia, segundo o autor, manifesta-se nas práticas diárias e nas relações sociais, refletindo uma ontologia relacional.

O pensamento africano concebe o ser humano como essencialmente comunitário. A expressão **ubuntu**, comum em várias línguas bantu, traduz o princípio de que “uma pessoa é pessoa por meio de outras pessoas” (Ramose, 1999). Nessa visão, a identidade individual é inseparável da coletividade. Para Gyekye (1997), essa ética comunitária constitui a base moral da sociedade africana, orientando as relações humanas para a cooperação, o respeito e a solidariedade.

Outro traço distintivo da filosofia africana é a sua visão holística da realidade. Conforme Wiredu (1980), o pensamento africano rejeita o dualismo cartesiano entre corpo e espírito, considerando o mundo como uma totalidade interligada. Essa unidade entre o espiritual e o material reforça a importância do equilíbrio, da harmonia e do respeito por todas as formas de vida. Assim, a filosofia africana é inseparável da vida prática, sendo, como aponta Hountondji (1996), uma filosofia vivida e comunitária.

### Interconexão entre Cultura e Filosofia Africana

A cultura e a filosofia africana formam um sistema simbiótico, no qual as práticas culturais expressam princípios filosóficos e vice-versa. Como observa Ramose (1999), a filosofia africana está “encarnada” na cultura, nos ritos, na linguagem e na moralidade cotidiana. A cultura, portanto, é a materialização visível dos valores filosóficos que sustentam as comunidades.

Os rituais de iniciação, por exemplo, não são apenas práticas culturais, mas verdadeiras escolas de formação moral e espiritual (Mbiti, 1990). Nesses ritos, o jovem aprende sobre responsabilidade, solidariedade e respeito aos mais velhos — valores que refletem a ética do ubuntu. Da mesma forma, a música e a arte tradicional transmitem ideias filosóficas sobre o sagrado, o equilíbrio e a comunhão com o universo (Gyekye, 1997).

Essa interconexão evidencia que a filosofia africana não se limita à teoria, mas é uma filosofia da vida, expressa nas ações e tradições do povo. Hountondji (1996) enfatiza que o desafio contemporâneo é transformar essa sabedoria tradicional em reflexão crítica, sem perder a sua essência comunitária e espiritual.

### Desafios Contemporâneos e Reinterpretações

Com a globalização e a modernização acelerada, as culturas africanas enfrentam desafios de preservação e adaptação. Segundo Wiredu (1980), a filosofia africana deve dialogar com a modernidade sem abandonar os seus valores fundamentais. Essa postura de equilíbrio é essencial para evitar a alienação cultural e promover um desenvolvimento baseado em princípios éticos africanos.

Além disso, Gyekye (1997) propõe uma filosofia africana moderna que integra tradição e racionalidade crítica, capaz de responder aos problemas sociais e políticos contemporâneos. Essa reinterpretação dos valores tradicionais permite reafirmar a identidade africana num mundo cada vez mais interconectado.

Ramose (1999) complementa que o **ubuntu** pode servir como fundamento ético para uma filosofia universal do cuidado e da solidariedade, aplicável também fora do contexto africano. Assim, cultura e filosofia continuam a oferecer contribuições relevantes para o pensamento global.

### Conclusão

A análise da cultura e da filosofia africana revela a profundidade das formas de pensamento do continente. Ambas constituem expressões complementares de uma mesma visão de mundo, centrada na comunidade, na ancestralidade e na espiritualidade. A cultura manifesta, por meio de ritos, músicas e tradições, os valores filosóficos que estruturam a vida africana, enquanto a filosofia interpreta e renova continuamente esses valores.

Compreender essa interligação é essencial para valorizar o contributo africano para a humanidade. Como afirma Hountondji (1996), pensar filosoficamente em África é também um ato de resistência e afirmação da dignidade humana. A filosofia africana, ao refletir sobre a existência e a moralidade, encontra na cultura o seu campo vivo e dinâmico, reafirmando o papel do continente como fonte de sabedoria e de humanismo universal.

**Referências bibliográficas**

- [1] Bourdieu, P. (1999). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Brasil: Perspectiva.
- [2] Gyekye, K. (1997). *Tradition and modernity: Philosophical reflections on the African experience*. New York, United States of America: Oxford University Press.
- [3] Hountondji, P. J. (1996). *African philosophy: Myth and reality*. (2ª. Ed.) Bloomington Indiana, United States of America: Indiana University Press.
- [4] Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2017). *Fundamentos de metodologia científica* (8ª ed.). São Paulo Brasil: Atlas.
- [5] Mbiti, J. S. (1990). *African religions and philosophy*. Johannesburg, South Africa: Heinemann.
- [6] Ramose, M. B. (1999). *African philosophy through ubuntu*. Harare, Zimbabwe: Mond Books.
- [7] Tempels, P. (1959). *La philosophie bantoue*. Paris, France: Présence Africaine.
- [8] Wiredu, K. (1980). *Philosophy and an African culture*. New York, United States of America: Cambridge University Press. ons, pp. 118–137.

